

Nova Batalha: a Reintegração Social dos Veteranos da FEB

Marlúbia Raquel de Oliveira¹

No ano de 2012, o historiador Francisco César Alves Ferraz teve sua tese de doutorado, intitulada *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*, defendida na USP em 2003, transformada em livro pela editora da Universidade Estadual de Londrina, a Edel.

Ferraz foi um dos pioneiros a desenvolver estudos sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Segundo ele, apesar de ter sido a única nação da América Latina a enviar combatentes para o front europeu, esta ainda é uma temática esquecida pela nossa historiografia e pouco explorada no país. Exemplo disso é que o episódio geralmente não integra os conteúdos escolares e não se constitui como parte da memória popular nacional.

A obra, como o próprio título indica, visa apresentar ao leitor o pós-guerra dos cidadãos-soldados que fizeram parte da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Com o término oficial da guerra, os chamados pracinhas puderam retornar as suas casas, porém, em solo natal, foram obrigados a enfrentar uma longa e nova batalha. A reintegração social e a valorização dos seus feitos não se configuraram em tarefa fácil para o grupo, afinal, nem as autoridades governamentais nem a sociedade civil estavam preparados para receber indivíduos marcados por uma experiência de guerra.

Diferente de países como França e Estados Unidos, o Brasil não possuía uma política de assistência aos ex-combatentes. O autor explica que essas outras nações já haviam sido obrigadas a desenvolvê-la e aprimorá-la devido à participação em guerras anteriores. É importante frisar que nesses casos o apoio da sociedade é fundamental para pressionar o cumprimento dos direitos concedidos por lei.

Neste sentido, é possível entendermos parte das dificuldades enfrentadas pelos ex-expedicionários na luta desencadeada após o retorno da guerra. Enquanto os governos da França e Estados Unidos designaram para as campanhas militares durante a Segunda Guerra milhões de soldados (era raro encontrar nesses países famílias que não tivessem pelo menos um de seus membros servindo ao exército), o governo brasileiro enviou um contingente de cerca de 25 mil homens para combater na Europa, quantidade mínima se comparada a população brasileira da época. Isso quer dizer que o número de famílias atingidas diretamente pelo conflito foi pequeno, reduzindo significativamente o número de indivíduos dispostos a apoiar e defender os interesses dos ex-febianos.

Diante da apatia, os ex-combatentes decidiram fundar associações. No quinto capítulo do livro, Ferraz apresenta um rico histórico sobre a criação de tais instituições ao redor do país. Elas nasceram por volta de 1946 como um instrumento de resistência, o objetivo era reunir os veteranos, orientá-los sobre seus direitos, preservar e promover a memória dos feitos dos pracinhas na guerra, defender os interesses coletivos diante das autoridades, entre outras funções.

A princípio, a maioria das associações, que pelo estatuto geral deveriam ser apolíticas, possuíam membros ligados ao comunismo. Nesse período, eles garantiram às reivindicações um tom mais “politizado” e agressivo. Foi deles, por exemplo, a ideia da “Passeata do Silêncio” realizada no Rio de Janeiro em 23 de junho de 1947. O evento de protesto causou

NOVA BATALHA: A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS VETERANOS DA FEB

MARLÍBIA RAQUEL DE OLIVEIRA

significativo impacto na população, ganhou as páginas dos jornais, porém, pouco tempo depois os problemas dos ex-expedicionários caiu novamente no esquecimento.

Após bater de frente com o governo durante anos sem sucesso, uma parcela mais conservadora dos veteranos passou a angariar alianças com autoridades políticas que estivessem no poder e militares da ativa. Entretanto, para que tal objetivo fosse alcançado foi necessário extinguir os vínculos entre as associações e o Partido Comunista. Assim feito, as esperanças dos ex-expedicionários no tocante ao cumprimento das leis que lhes beneficiavam (mas nunca haviam saído do papel) aumentaram, principalmente após o golpe de 1964. Contudo, os governos militares pouco fizeram em prol dos pracinhas, mesmo o general Castelo Branco que também era um veterano da guerra.

Atualmente, as associações que sempre contaram com um número elevado de associados estão sendo extintas com a morte continua de seus membros. Além disso, passam por dificuldades financeiras devido ao não pagamento das mensalidades e a falta de apoio dos governos. Elas têm se dedicado sobremaneira a tarefa de salvaguardar a memória a respeito dos feitos da FEB na Itália, para isso contam com o apoio do exército.

Para Ferraz, essa ligação entre os ex-expedicionários, o Partido Comunista e posteriormente o regime militar foi vista negativamente e, contribuiu com o já mencionado desinteresse dos pesquisadores pela temática. Além disso, cabe citar o desprezo dado à história militar por muitos anos no país, apontada como positivista e ultrapassada. O resultado dessa conjuntura foi que ao longo do tempo à discussão em torno dos febianos e, conseqüentemente os problemas por eles enfrentados ficaram restritos aos próprios veteranos, seus familiares, amigos e poucos entusiastas.

A frustração dos ex-expedicionários quando voltaram para casa foi sem dúvida grande, marcados pelo cotidiano da guerra eles não eram mais os mesmos, a maioria carregava sequelas físicas e psicológicas, passadas as festas de recepção se viram desamparados e incompreendidos, não eram mais militares tampouco civis comuns.

A desmobilização instantânea da FEB revoltou muitos pracinhas. Sobre esta questão Francisco Ferraz vai de encontro com a ideia comumente disseminada de que Getúlio Vargas desmobilizou a FEB temendo a ação dela sobre seu governo. Para o historiador, o Estado Novo já estava agonizando antes mesmo da tropa brasileira seguir para a Europa, os pracinhas nutriam por Vargas grande admiração e a ideia de extinção da divisão partiu, sobretudo, de Eurico Gaspar Dutra e Góis Monteiro.

A reintegração profissional dos ex-expedicionários foi uma realidade exaustiva, e em alguns casos trágica. Para os que optaram por continuar na carreira militar apostando que a experiência na guerra os ajudariam a alcançar patentes mais elevadas, a opção se mostrou frustrante. O “exército da FEB” não foi bem recepcionado pelo “exército de Caxias” que temendo perder espaço para o “grupo elitizado vindo da Itália” tratava-os com rispidez. Tardou muito até que ambos convivessem harmoniosamente.

Outros que buscaram retomar seus antigos empregos garantidos por lei eram constantes vítimas de demissões justificadas pelas “neuroses de guerra”. Sem falar naqueles que foram enviados para o front em idade de aprender uma profissão, ou seja, ao retornar ao Brasil estes indivíduos tinham maiores dificuldades de adquirir emprego, muitos deles achavam injustos os cargos que lhes eram oferecidos.

É importante resaltar que tanto civis como militares passaram a olhar com maus olhos para os febianos por receio de perder seus postos profissionais. Nesse campo fértil de medo, inveja e incompreensão provavelmente surgiram às histórias denegrindo a imagem dos pracinhas. Entre elas, a de que estes foram em 1944 fazer turismo na Europa.

A Guerra que não acabou é uma obra valiosa pelo seu pioneirismo e pela quantidade de informações que carrega. O cuidado que o autor teve na sua confecção é perceptível

NOVA BATALHA: A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS VETERANOS DA FEB

MARLÍBIA RAQUEL DE OLIVEIRA

através da enorme quantidade de fontes exploradas, sobretudo documentos pertencentes às associações, principalmente a sede de ex-combatentes de São Paulo. Dividida em cinco capítulos, possui uma escrita agradável na qual o historiador se preocupou em explicar minuciosamente termos militares, a metodologia utilizada na sua pesquisa bem como a lógica da organização do livro.

O processo de reintegração dos ex-expedicionários e o reconhecimento dos seus direitos foi lento e doloroso, muitos faleceram na miséria sem usufruir da seguridade social conquistada anos depois. Todavia, é preciso enfatizar que problemas desse tipo não atingiram apenas os veteranos, mas muitos outros brasileiros. De “heróis a esquecidos pela pátria”, a verdade é que os ex-expedicionários são até os dias atuais agentes da memória de um grupo e de parte da história contemporânea do Brasil. Os seus sacrifícios de sangue não foram em vão.

Referência Bibliográfica

FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Eduel, 2012.

¹ Graduada em História/UFS. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente GET/CNPq/UFS. E-mail: marlibia@getempo.org. Orientador: Prof. Drº. Dilton C. S. Maynard (DHI/UFS).